

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III — Número 913

Sabado, 12 de Novembro de 1921

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL

Endereço telegraphico: Talhadas-Lisboa. Telefone 5339-0

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

O proletariado das cidades e dos campos deve estar a postos para responder à ameaça reaccionária!

PERANTE A AMEAÇA

Como deve proceder o operariado

Em face de todos os movimentos políticos que têm sucedido a nacionalidade portuguesa, a classe operária organizada tem-se mantido apenas na expectativa. O indiferentismo, mesmo o aborrecimento invade, invariavelmente, as massas laboriosas.

Estas queriam — e não poucas vezes os seus organismos e a sua imprensa o tem proclamado — que uma certa calma se estabelecesse, para completar e aperfeiçoar os seus organismos de classe, alargar e desenvolver os seus quadros sociais de combate e de defesa.

Tendo em atenção o grau de ignorância e de inconsciência moral e mental, da grande maioria da população do país, os organismos sindicais têm-se esforçado por criar algumas escolas e pequenas bibliotecas, instituições necessariamente modestas, como modestos são os recursos financeiros de que dispõe.

Os problemas económicos, nomeadamente os da produção pelo que respeita ao desenvolvimento da riqueza nacional, igualmente têm interessado tanto quanto à organização é possível, dentro da capacidade de que dispõe, e se mais não têm sido, esse facto se deve à recusa sistemática do auxílio intelectual dos nossos técnicos, que, possuídos ainda do prejuízo duma pretensa superioridade social que a mentalidade burguesa criou, se obstinam em não cooperar no estudo e numa acção de conjunto com os trabalhadores manuais.

A acção, fraca quasi sempre, da classe operária mais não tem sido senão uma acção defensiva, em face das condições económicas miseráveis em que tem vivido, criadas pelas plutocracias da finança, do comércio e da indústria, ou das ameaças violentas e agressivas dos homens que têm disposto dos poderes do Estado.

Que são as greves pró-aumento de salário, os movimentos e protestos contra a carestia da vida ou as reclamações de mais respeito pela liberdade?

Simple incidentes provocados pela desmedida ganância, que o egoísmo feroz enraizou nos indivíduos que se encurtaram no sistema capitalista; gritos sentidos das vítimas que a agressão esmagadora impiedosamente.

Jamais a classe operária em Portugal tentou uma ofensiva, tendo, no entanto, as máximas razões para a tentar. Esta ofensiva, porém, em nada se parece com um movimento exclusivamente político.

As aspirações da massa operária consciente não consistem em derrubar um governo para que outros o substituam. E é por isso sempre que há revoluções de carácter político a classe operária fica indiferente.

E nos, porém, chegados a um momento em que não pode ser indiferente a classe operária o que em matéria política se passa. O movimento de 19 de Outubro, tendo facilitado a libertação de alguns presos por delitos sociais, nada de caracterizadamente social.

Não pode mesmo ser classificado de radical, no sentido próprio, da palavra, como não pode, com propriedade ser considerado das esquerdas. Mas, porque com ele se sentiu em feridos certos mesquinhos interesses políticos e financeiros; porque houve presos operários que foram libertados; porque houve mortes de indivíduos das marças na política e tentativas contra financeiros, logo as hostes conservadoras se reuniram para, noutro movimento, se desforçarem, elaborando os mais tóxicos programas de morticínio tanto contra os políticos que fizeram o último movimento, como contra os revolucionários sociais, para satisfazerem os seus desejos de vingança, possível sendo que os actos de destruição destes últimos dias que a todos horrorizou fizeram já parte dos preparativos que, moralmente predisponham os espíritos para a revanche final.

Até nós chegamos comunicações de várias partes do país, segundo as quais as ameaças de morticínio são feitas, ora veladas, ora chamadas em alto e bom som, ora sob a forma de conservadoras, ou privam de perto com elas.

Que essas ameaças revestem o carácter dum vasto plano, indicando o facto de terem uma certa uniformidade, indica a imprensa conservadora-católica, monárquica e até alguma republicana — comprova a existência desse plano em broto, naturalmente fomentado pelos reaccionários ultramontanos.

As duas soluções do que é insolúvel

Como os republicanos persistem em mobilizar o regime entretendo-se a lançar uns aos outros com os destruídos, o sr. Aires de Ornelas, que do estrangeiro escreve esta luta dilacerante, entretendo nela com um alvitre.

O logar-tenente do ex-rei Manuel saiu do seu lugar com um entusiasmo de tenente e com a manha de que um indulto Aires de Ornelas é capaz, previamente barrado com os cadáveres de agnus republicanos e com o descontentamento de muitos partidários do regime actual, botou uma pomposa epístola no *Correio da Manhã*.

Recordamos dele este delicioso trecho:

«A Monarquia restaurada, é restaurada para todos os Portugueses; é a ideia, bem assente e conhecida, d'El-Rei, agora expressamente renovada. Não será pois possível, em atenção aos mais altos interesses da nacionalidade, unir em volta dele todos os monárquicos e todos os republicanos que haja de boafé?»

Será impossível para eles reconhecer que se enganaram?

Serão menos patriotas que os republicanos hespanhois colaborando com Serrano no seu golpe d'Estado?

Devem os leitores estar recordados que a orquestra política está tocando entusiasticamente a ária da salvação da nacionalidade.

Sim, não falam por aí patriotinhos de água doce de consciência negra, tam escuros com as especulações financeiras que se estão realizando, a recetar que a nacionalidade seja corrida à espadeirada para as cercanias e que Lisboa se transforme num vasto depósito de mercadorias de qualquer país essencialmente te dedicado à rapina.

O sr. Aires de Ornelas, patriota formidável, chorou afflivelmente. E depois de consumir duas dúzias de lenços com o seu pranto, apresenta a salvação monárquica.

Como monárquico é natural que outra solução não encontre, mas é clamar com tudo isto, afirmar que a monar-



EM TORNO DE UMA INFAMIA

O atentado contra o comboio do Algarve

A imprensa republicana e monárquica iguala-se nas insídias que vomita — Pretende-se criar um ambiente terrorista

As palavras indignadas do nosso editorial de ontem estavam perfeitamente certas. A imprensa conservadora, continua especulando com a situação de terror e de crime, que os próprios reaccionários criaram para no-la atribuir, preparando assim perseguições bárbaras contra elementos avançados. Quem tivesse lido os jornais de ontem, reparou certamente na uniformidade do ataque, na unidade do combate. Os artigos do *Correio da Manhã* e os da *Pátria*, do *Século* e de alguns jornais se que aparecem para si a defender as teorias de quem melhor lhes paga, obediência todos ao mesmo plano.

Está-se tratando agora de aterrorizar a população, insinuando que todos os atentados são resultantes da propaganda de «doutrinas dissolventes». «Doutrinas dissolventes» no critério desses homens da ordem que cobriu as costas ao comerciante ladrão, ao lavrador que não semeia, ao financeiro que entra em negócios de 50 milhões e ao político charlatão, é a doutrina de solidariedade humana e da emancipação das classes oprimidas que nós opomos a um regime, cuja característica é o roubo e o assassinato. Está-se preparando uma atmosfera propícia ao fusilamento, à deportação, ao encarceramento de todos os que pretendem mais liberdade e mais bem-estar.

Colaboram nessa obra funesta — e chamamos para este ponto a atenção de todos os homens livres e de cérebro despojado — os que se dizem republicanos.



Um aspecto dos destroços

canos inimigos do catolicismo com os «bons católicos», os que em nome da ordem pregam o servilismo dos povos ante os parasitas da Igreja. A linguagem da *Epoca*, jornal republicano, temente a Deus e amigo do sr. D. Manuel, gritava furiosamente que não publicava a nota oficial dos ferroviários do Sul e Sueste, porque defendia a ordem e a propriedade desta nota e do desastre envenenava jesuiticamente os seus leitores conforme se lá.

Os feridos que estão no hospital de S. José encontram-se no mesmo estado — A pequena Dinorah experimenta melhoras

Os feridos do descarrilamento que se encontram internados em várias enfermarias do hospital de S. José, encontram-se no mesmo estado à excepção da pequena Dinorah que ontem apresentou sensíveis melhoras.

De visita aos feridos estiveram ontem no hospital de S. José o chefe do Serviço de Saúde dos Caminhos de Ferro do Estado sr. dr. Agostinho Lucio, Morais Machado chefe de serviço na Tesouraria, Jorge Matheiro e Soares Leme pagadores, Duarte Silva fidal da Tesouraria, Eliseu Piteira de Almeida secretário, e o chefe de secção sr. Cancio.

Também ali foram uma comissão de empregados das secretarias dos Caminhos de Ferro do Sul a qual se fazia acompanhar pelo escrivão principal sr. Francisco Pires Sousa e uma outra de revisores acompanhada pelo chefe do Tráfego sr. Firmino do Carmo. O sr. Rafael Ribeiro, Governador Civil de Faro visitou também ontem os feridos do Algarve, e encontrou

no hospital de S. José, aos quais ofereceu os seus préstimos, prontificando-se a informar telegraficamente as famílias dos feridos, sob o seu estado.

Visitou também os feridos acompanhado do seu secretário o sr. Governador Civil de Lisboa.

O secretário do ministro das finanças também ontem visitou os feridos dirigindo-lhes palavras de carinho e conforto, na sua visita foi acompanhado pelo director geral dos hospitais sr. Arnaldo Farinha, engenheiro Prazeres, fiscal geral José Simões, fiscal adjunto Lourenço da Costa e outros funcionários hospitalares.

Devem sair hoje de Beja para várias localidades os cadáveres que se encontram naquela cidade

BEJA, 11. — T. — Os cadáveres das vítimas encontram-se e a câmara ardente no salão nobre da Câmara Municipal desta cidade. O primeiro turno que veio a trazer os cadáveres foi composto pelos representantes da Delegação dos Ferroviários de Beja.

O traslado dos cadáveres é feita amanhã pelas 15 horas, da Câmara Municipal para a estação.

A sala de espera da estação de Beja vai ser transformada em câmara ardente. O comércio encerrará amanhã os estabelecimentos em sinal de sentimento. Lavra a mais profunda consternação em toda a cidade de Beja.

O inspector Taborda a pedido da Comissão Executiva da Associação do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, dispensou o pessoal da sua secção para se incorporar ao cortejo. No comboio n.º 9, seguem do dia 12 para 13, três cadáveres: um ara Ourique, outro para Messines e ainda outro para Faro.

No comboio n.º 6, da mesma data, seguem um cadáver para Barquinha, via Setil, e mais três para Lisboa. — *António José Piloto*.

A propósito da prisão dum indivíduo que, segundo se afirmou, atribuiu o atentado aos ferroviários

Como consequência da carta do sr. Simplicio que ontem publicamos, outra carta surgiu e com ela terminamos a discussão do assunto que vai tomando um certo carácter particular que não está na índole deste jornal tratar-se.

Eis a carta:

Sr. Redactor — Para esclarecimento da verdade peço a V. a publicação do seguinte: No dia 9, estando na estação do Terreiro do Paço esperando a chegada dos pobres feridos, muito naturalmente disse para as pessoas junto de quem estava, entre elas o sr. Aires de Ornelas, que provavelmente seriam os ferroviários os autores do atentado, pois várias pessoas diziam que aquilo só podia ser feito por quem soubesse o que fazia. O sr. Manuel da Silva Simplicio, que estava ao pé, mandou-me prenhar, fui ameaçado pelos empregados que estavam no escritório. Chegou o alferes Pio, da policia e mandou prender o Simplicio que se recusou mas depois veio e disse as co-

«O que urge é iniciar desde já uma acção vigorosa contra a Desordem, sofredor com mão de boa rédea esta cavalgada alucinante para o abismo. E' preciso acalmar altitudes e extremar os campos».

Nesta hora de espantosa agonia, quem não tomar posições definidas comete um acto de imperdoável cobardia.

Nós falamos alto e claro. Sempre que a Desordem e a Anarquia levantem a cabeça hedionda e vermelha de sangue, como a dos abutres, nós somos contra! Somos contra a Revolução, contra a disciplina, contra tudo o que represente a inversão de funções na sociedade. Queremos que a Religião presida a nossa vida como povo e como sociedade.

E mais adiante volta a *Epoca* a recomendar, sempre a propósito dos ferroviários, insinuando que eles sejam criminosos:

«A nossa burguesia, a nossa finança é hoje detentora da maior parte da imprensa no país. Os chamados órgãos de grande informação são hoje pertença de grandes empresas capitalistas».

Pois bem! Essa imprensa é o reflexo da inconsciência da burguesia portuguesa. Basta ver a fraqueza ou insensatez que representa a publicação das notas oficiais dos diversos «comités» grevistas, revolucionários, pró-melhoramentos de classe, etc. E' o reconhecimento officioso da Desordem, é dar-lhe foros de potência».

Está ou não bem frísada a insinuação? Que se afirma neste último período? Que os ferroviários são a «Desordem» — e os leitores da *Epoca* depreendem imediatamente que os ferroviários praticaram o monstruoso crime do descarrilamento.

E' demais! E' necessário que a consciência desse jornal tivesse descido muito, andado pela lama para fazer tal insinuação.

Que elementos possui a *Epoca* para falar assim? Mostre-nos-os! Prove as suas insinuações!

Mas, para se avaliar a banalidade a que isto chegou vamos recorrer da *Manhã*, jornal republicano, cujo director costuma cantar a Liberdade e a verdade, com floreos (já um pouco falhados) de estilo, alguns períodos do artigo do sr. Mayer Garção. Também ele fala das doutrinas «dissolventes», também colabora no ataque dos reaccionários, dos jesuitas, também a sua mentalidade de falso democrata se equipara à dos monárquicos confessos. Vamos a isto. Começa o sr. Garção:

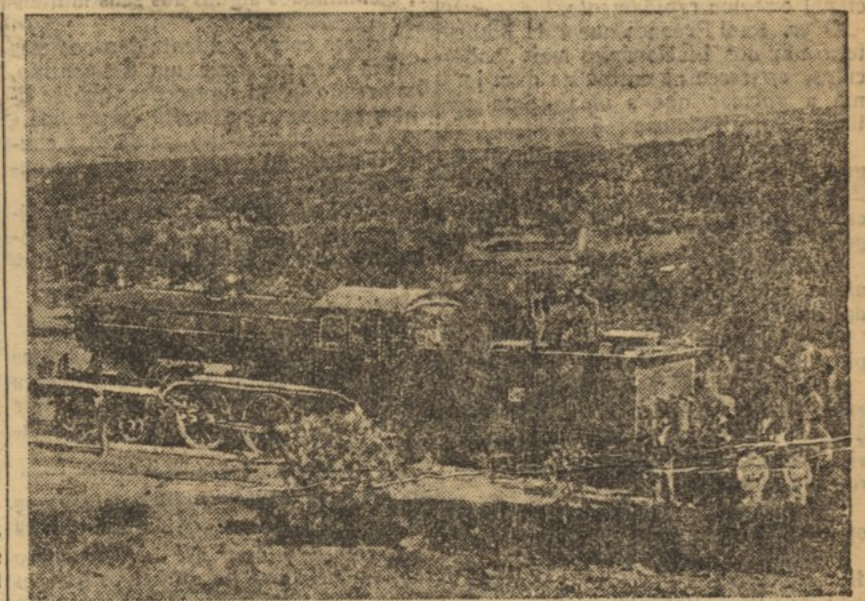
«O aspecto mais doloroso e impressionante que se extrai da contemplação de factos da natureza do que anteontem ocorreu na linha do Sul e Sueste, e de outros que, infelizmente, se tem sucedido ultimamente, é o do apetite da mancha que está evidentemente desviando creaturas inconscientes ou malfazejas».

Até aqui não vai a coisa mal parada. Mas um pouco mais abaixo exalta-se e depois de citar a comuna de Paris como um atentado sangüinário, fingindo ignorar o alto significado moral dessa revolta, diz:

«Imagine-se como os nossos olhos conturbados não de fixar este espectáculo. E' como se assistíssemos à derrocada de um mundo. Pois quê! Nisto vem a findar o esforço titânico de uma lenta e segura civilização? Não pode, nem há de ser. Quem sente o prazer de matar não é nosso igual, não é nosso irmão. Louco ou criminoso, deve ser sequestrado da existência social».

A *Epoca* não atingiu tanto, não disse que «louco ou criminoso, deve ser sequestrado da existência social». Sim a *Epoca* não pegou a mão de ninguém, mas pede-a o sr. M. Mayer Garção a propósito do desastre ferroviário.

«Nós gostamos de ver esta gente falar assim, se um dia a verdade se revelasse em plena luz, mostrando que os factos eram como de facto suscitamos, como é lógico que suscitamos, elementos conservadores ou católicos!»



A locomotiva e o «tender» ficaram intactos

quadrá que era chefe da Estação do Barreiro. Pediu também ao cabo da esquadra para pedir ao Alferes para o deixar ir embora. O alferes cedeu e disse que não queria nada de mim, que era um equivoco.

Nesse mesmo dia fui com o sr. Matos Cordeiro que me disse que não tinha estado a mão a esse senhor e que nem o conhecia.

Também ele diz ser chefe da estação do Barreiro e eu soube que era mentira, e até um ferroviário me disse que ele era um tal e diz isto para fazer a fite.

Eu não sou nem nunca fui da policia de Segurança do Estado como esse sr. o diz. Saude, etc., Alvaro André.

Foram ontem presos três indivíduos suspeitos que vieram do Alentejo em automóvel

Chegaram ontem ao Barreiro três indivíduos, que viam do Alentejo em automóvel.

Naquella localidade tomaram o vapor para Lisboa.

Como o seu aspecto se tornasse suspeito a policia da S. E. que está de serviço na estação do Barreiro, a mesma policia telefonou para os agentes que estão na estação de Lisboa, ordenando a sua captura, o que foi feito à sua chegada.

Esses indivíduos, que se apresentam bem vestidos, chamam-se Manuel Teófilo da Assunção, Custódio José dos Santos e Lúcio Mendes Pinto.

No Porto

A opinião pública e o bárbaro atentado nas linhas do Sul e Sueste

PORTO, 10. — C. — A noticia do atentado monstruoso praticado nas linhas do Estado do Sul e Sueste, tem sido comentada pesadamente pela opinião pública, que quasi julga um sonho a existência de tam feríveis bandidos.

Nos meios operários, porém, causou indignação profunda o facto de quere-

rem atribuir a responsabilidade desse acto repulente aos ferroviários do Sul e Sueste, ou a outras classes operárias.

E' preciso notar-se que essa estúpida atoarda não encontrou muito eco, se não nenhum mesmo, entre a população citadina, inclusive na não operária.

Tudo é concorde que os criminosos devem ser caçados, para ver se se consegue descobrir quais os verdadeiros intuitos dos malvados. E a organização operária desta cidade tam m repele as insinuações reaccionárias e deseja o esclarecimento do caso revoltante.

O protesto operário

Compositores Tipográficos

A Comissão administrativa deste sindicato protesta indignadamente contra os atentados de que foram alvo os nossos camaradas ferroviários do Sul e Sueste, levados a efeito por legítimos inimigos desta classe.

Dezendo ardentemente que as diligências efectuadas por esta classe para descobrir os verdadeiros culpados, dêem os resultados desejados, dá-lhe neste sentido o seu apoio moral.

Litógrafos e anexos

A comissão administrativa da Associação dos Litógrafos e anexos, na sua reunião de ontem, aprovou um voto de sentimento pelas vítimas do vil atentado cometido nas linhas do Sul e Sueste, repellido as calúnias levantadas não só à laboriosa classe ferroviária como à classe operária em geral, sobre casos identicos.

«Anastácio José»

«A Novela Vermelha» deste mês, intitulada Anastácio José, da autoria do nosso camarada Mário Domingues, deve ser hoje posta à venda,



A CATASTROFE FERROVIARIA — As carruagens mais atingidas

